

Gilberto Freyre Neto

Coordenador Geral de Projetos da Fundação Gilberto Freyre

“O desenvolvimento do Brasil, como a gente tem comprovado nos últimos 23 anos, é um cenário bem gilbertiano.”

Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron e Sergio Cohn no dia 29 de junho de 2010, em São Paulo.

Gilberto Freyre Neto

Alguns intelectuais fizeram as interpretações clássicas da formação da cultura brasileira. Um deles é Gilberto Freyre, autor de *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e tantos outros textos de referência à brasilidade. No fim da vida do sociólogo pernambucano, ele mesmo incentivou a criação de uma fundação para gerir seu acervo. “É uma grande virtude para a fundação ter uma coletânea de livros do porte dos que ele usou para interpretar o Brasil. Temos 42 mil volumes”, conta Gilberto Freyre Neto.

O acervo da Fundação Gilberto Freyre ganha elogios dos pesquisadores e estudiosos da cultura brasileira por reunir e cuidar dessas bases de dados. O material vai sendo digitalizado na medida das demandas. Seu neto conta que hoje “são muitos os exemplos de pesquisadores que hoje vão a Gilberto Freyre para analisar cenários que estão acontecendo globalmente e usam documentos que foram pesquisados nos anos 30, 40 e 50. Curiosamente, estão no Brasil e servem de referência para o mundo”.

Para Gilberto Freyre Neto, é importante deixar bem claro que o papel da fundação passa longe de ser apenas um memorial, mas também não se propõe a “atualizar” a obra do avô. “Nenhum de nós pode responder por Gilberto Freyre.” A fundação, de acordo com ele, “não é uma instituição que o endeusa ou que o protege”. O objetivo é manter uma postura de “neutralidade” diante das críticas ou dos elogios contemporâneos. A ideia é preservar o acervo pessoal e intelectual. “*Casa Grande* reflete a civilização brasileira, mas tem um valor do ponto de vista histórico, reflete o cenário que passou.”

Você preside uma entidade que faz a gestão de um dos mais importantes acervos intelectuais do Brasil. Como funciona a Fundação Gilberto Freyre?

É um legado, uma instituição que foi criada pela família do Gilberto Freyre e por ele mesmo, que fez uma das mais importantes interpretações do Brasil. Ele tinha uma grande preocupação na vida que era o seu patrimônio material, e o material que estava ficando para os brasileiros. O Gilberto tinha uma visão muito positiva do país. Como a gente tem comprovado nos últimos 23 anos, o Brasil tem se desenvolvido, crescido dentro de um cenário que é bem gilbertiano. E a fundação foi criada nesse sentido, de preservar o legado e promover estudos e pesquisas relacionadas ao que é ser brasileiro e o que o Brasil pode ofertar ao mundo a partir de sua visão que, a nosso ver, já nasce dentro de um conceito de globalização, bem moderno, porque somos parte de uma influência de três grandes raças. E nascemos dentro de uma condição de comércio, vamos dizer assim, que estava dentro dos primórdios do que hoje é a dita globalização, a interface direta com diversas partes do mundo. A funda-

ção foi feita dentro do princípio de criar novas interpretações, novas análises relacionadas ao patrimônio de Gilberto, que ainda era extremamente carente de análises mais profundas, porque Gilberto era um grande produtor de muito material que ainda precisava ser analisado por novas gerações, novos pesquisadores, novas cabeças pensantes em relação a cenários futuros que ele não detinha, que ele não tinha condição de gerar. Graças a Deus, a casa tem se comportado – com muita dificuldade, é verdade – dentro de uma perspectiva muito positiva de possibilidades. São muitos os exemplos de pesquisadores que hoje vão a Gilberto Freyre para analisar cenários que estão acontecendo globalmente, que usam documentos que foram gerados por Gilberto e que fizeram parte de sua pesquisa nos anos 30, 40 e 50, e que, curiosamente, estão centralizados no Brasil e servem de referência hoje para o mundo.

Uma coisa importante sobre isso é a questão da disponibilização, abertura e preservação da obra de Gilberto Freyre. Como lidar de forma responsável com a abertura e, ao mesmo tempo, a curadoria da obra do seu avô?

A chave para esta perspectiva de fazer com que a obra seja lida, interpretada e analisada é dar liberdade a quem pesquisa e a quem gera. A fundação não é uma instituição que endeusa ou protege o Gilberto Freyre. É uma instituição cujo principal objetivo é preservar o seu acervo pessoal e intelectual – ou seja, toda pesquisa que foi feita por ele para gerar esses acervos com fotografias, correspondências, artigos e periódicos antigos de diversas partes do mundo. Procuramos manter uma neutralidade em relação às críticas – positivas ou não – à obra de Gilberto. Essa é a primeira coisa. A segunda é tentar ofertar ao pesquisador o máximo do que está disponível no acervo. Fizemos questão de que este acervo permanecesse em Pernambuco. É um acervo que podia estar muito melhor acondicionado e sendo utilizado por pesquisadores se estivesse com universidades estrangeiras, ou em centros de pesquisa, que dessem uma melhor condição de divulgação. Mas usamos alguns princípios que são bem gilbertianos. Gilberto é filho, fixou-se e jamais saiu de Pernambuco. Era uma questão de honra permanecer lá. O pesquisador que vai à fundação hoje terá acesso a praticamente 85% do acervo que Gilberto Freyre utilizou em vida. É muito curioso porque a gente recebe algumas visitas de estrangeiros que estão estudando Gilberto Freyre sob uma perspectiva de utilizar as ferramentas que ele utilizou nos anos 30, 40, 50 para interpretar o Brasil.

E muitos desses pesquisadores estão utilizando hoje algumas dessas referências para fazer interpretações que dizem respeito à Europa sob uma pers-

pectiva de miscigenação cultural – que foi, de certa forma, um pouco o que passamos durante a criação do Brasil, durante a origem do povo brasileiro. E estas referências estão sendo feitas a partir de uma visão gilbertiana. As pessoas estão indo na fundação coletar parte desse acervo e identificar as origens do pensamento do Gilberto Freyre lá. Tivemos nos últimos cinco anos dois grandes livros publicados pelo casal Burke, da Universidade de Cambridge: a Maria Lúcia Pallares-Burke, de São Paulo, que é casada com o Peter Burke, historiador inglês dos mais renomados. Os dois livros [*Repensando os Trópicos: um Retrato Intelectual de Gilberto Freyre, publicado pela editora Unesp em 2009; e Gilberto Freyre: um Vitoriano dos Trópicos, publicado pela editora Unesp em 2005*] tentam interpretar curiosamente o método de Gilberto Freyre, e boa parte desta pesquisa foi realizada na fundação. Peter Burke diz que a grande maioria dos livros que Gilberto Freyre pesquisou estão centralizados na fundação de uma forma que ele não encontra em nenhuma universidade europeia. É uma grande virtude para a fundação ter uma coletânea de livros do porte dos que Gilberto Freyre usou para interpretar o Brasil, unificados no mesmo espaço. Nós temos 42 mil volumes na fundação.

E, além disso, vocês estão trabalhando agora com a digitalização de muitos textos.

Exatamente. Como esta ferramenta entra na nossa vida? A Fundação Gilberto Freyre entrou na internet em 1996. Foi uma das primeiras instituições a entrar. Acredito que estar na internet é uma ferramenta de divulgação. É claro que eu preciso de muito recurso para isso porque parte do meu acervo está no modelo analógico, vamos dizer assim. Não tenho como transformar a Biblioteca Gilberto Freyre em uma biblioteca digital, são 42 mil volumes, há livros do século 18 até alguns mais modernos, do ano 2000 para cá. Boa parte desse acervo está em condições de ser manipulado com algumas ressalvas, mas eu tenho uma variância muito grande de tipologias, e a internet dá uma facilidade gigantesca de transformar estas variantes em uma estrutura que caiba na tela do computador. E esse pesquisador que está distante vai uma vez à fundação. Ele analisa todos os aspectos inerentes à sua pesquisa, em relação ao nosso acervo, identifica o que quer e a fundação faz a digitalização desse acervo e disponibiliza toda essa variante na internet. Ele passa a ter à distância essa relação com a nossa base de indexação. A partir desse momento, ele começa a criar demandas específicas e a gente passa a alimentar estas bases. É a forma que a gente tem de equalizar a ausência de um espaço específico para o pesquisador com a funcionalidade que a internet nos dá, uma maneira

de diminuir essa distância entre os centros de pesquisas que estudam muito fortemente Gilberto Freyre e o acervo da fundação.

O Gilberto Freyre criou o que chamou de Seminário de Tropicologia, com um método de confronto de experiências intelectuais. Descreva-o.

A formação de Gilberto é americana. Vamos lá para trás, em 1906, no Recife, mais especificamente no Colégio Americano Batista. Gilberto tinha então seis anos de idade, era tido pela família – isso são palavras dele – como um retardado mental. Ele tinha problema com o modelo de aprendizado da época, aquele método tutorial. Havia o tutor que ensinava os filhos de determinadas pessoas a ler, a escrever e a fazer as quatro operações. Isso até você chegar em um patamar de conhecimento que te levaria para a escola. E Gilberto tinha essa deficiência, era arredo, queria brincar, pintar, mas não queria estudar, se desenvolver dentro dos métodos que estavam sendo aplicados. E o pai, o doutor Alfredo Freyre, que era juiz de direito da cidade, foi responsável pela formalização do Colégio Americano Batista no Recife, por ser maçom. Ele tinha uma interface muito grande com a nova estrutura educacional que estava vindo para o Brasil e que trouxe ingleses, franceses, americanos, uma série de professores para ensinar no Recife. O professor Alfredo procurou o professor de literatura inglesa E. O. Willians e falou: “Gilberto tem uma deficiência e queria que você me ajudasse”. Mr. Willians identificou de imediato quais seriam as necessidades de Gilberto, viu que Gilberto pintava bastante, e começou a escrever, em inglês, nas pinturas de Gilberto os nomes das coisinhas que estavam sendo identificadas. Aquilo começou a aguçá-lo a tentar identificar o que estava sendo escrito. Ele foi alfabetizado em língua inglesa primeiramente. Começou a escrever e a falar em inglês antes de escrever e falar em português. Esse foi o grande estalo na vida educacional dele. Foi para o Colégio Americano Batista com 15 anos de idade e ganhou uma bolsa de estudos na Universidade do Texas. No Americano Batista, ele já tinha sido o melhor aluno do colégio, deu palestras fora, teve um elo com a Academia Pernambucana de Letras, era um ávido produtor de conteúdo. Foi para o Texas aos 15 anos de idade, se forma de imediato, se gradua. Na Universidade do Texas, ele é influenciado pelas discussões sobre preconceitos que fortaleciam a questão da pureza racial. Tem uma passagem na vida dele, registrada nos seus diários, sobre um negro que é queimado vivo. Gilberto foi questionar as pessoas e recebeu respostas vazias: “Não se preocupe, isso é uma besteira, foi só um negro que morreu”. E aquilo ali mexe com Gilberto. Ele passa a tentar interpretar as relações do sul escravocrata dos Estados Unidos com a colonização que estava sendo desenvolvida no Brasil. Por orientação dos

próprios professores, vai à Nova Iorque continuar suas pesquisas, tentar um mestrado na Universidade de Columbia. Talvez Nova Iorque tenha sido o grande espaço de pensamento e de formação do caráter de Gilberto Freyre, nós estamos falando de uma Nova Iorque do fim da 1ª Guerra Mundial. Temos uma fuga de bons pensadores europeus, vindo se refugiar nos Estados Unidos. Nova York se tornou o espaço de pensamento e de criação dos pensadores. Era uma cidade cosmopolita já há muito tempo e a Universidade de Columbia sempre foi uma das mais importantes. Nas ciências sociais, tinham grandes pensadores, e ele pegou talvez a nata dos professores europeus e americanos – grandes economistas e cientistas sociais. Chegou a ser aluno de Franz Boas, que é curiosamente um físico que vai desenvolver sua base de pensamento dentro de uma “antropologia física”, que trabalha quesitos relacionados à estrutura corpórea, tamanho da cabeça, distância entre os olhos, coisas desse tipo – depois estudados na Europa dentro das teorias do embranquecimento de raça. Estas teorias estavam meio que em discussão na Universidade de Columbia, e esta relação de Gilberto com Franz Boas, e com outros pesquisadores, passa a ser a chave de criação do que dez anos depois foi *Casa Grande & Senzala*. A partir do momento que ele se forma em Columbia, e que tem a sua tese *Vida Social no Brasil no Século 19* publicada, ele é impelido não a fazer o doutorado, mas a fazer suas pesquisas, com a liberdade de ousar, de criar. E o Brasil passou a ser ponto focal das análises de Gilberto Freyre.

Darcy Ribeiro dizia que Gilberto Freyre era um severo crítico das convenções acadêmicas de doutorado, porque falava que prendiam o pesquisador a obrigações externas à pesquisa. O Darcy lembrava de Gilberto como uma figura com um caminho claro e interessante de liberdade e de pesquisa.

Exatamente. E de não se ater às estruturas formais que o doutoramento necessitava para ser aprovado. Desenvolver um método que fosse determinante para que uma estrutura de análise pudesse ser aplicada de forma universal, por exemplo, a uma tese. Ele saiu de Columbia e foi até a Europa. É nessa passagem europeia que ele fez um périplo muito grande. Ele não se ateu às universidades em si, mas a professores, ele não se matriculou, mas ele passou a ser aluno visitante, com referências geradas a partir de professores que ele tinha em Nova Iorque. Columbia foi o grande espaço de pensamento que, de certa forma, deu embasamento para Gilberto percorrer a Europa com a facilidade necessária de passar meses em Oxford e em Paris, lidando com professores e não com universidades, acessando bases de informações e conhecimentos. Quando ele retornou, em 1923, veio com uma base de conhecimento, uma rede gerada e um acervo intelectual muito grande. Esse acervo intelectual vai sendo transformado no que

veio a ser *Casa Grande & Senzala*. Esse processo de criação do homem Gilberto Freyre é que é muito importante para você analisar como a obra nasce.

E o Seminário de Tropicologia nasceu com essa influência toda.

O Seminário de Tropicologia vem da Universidade de Columbia, mas não mais nos anos 20. O sociólogo Frank Tannenbaum criou em Columbia um centro de estudos latinoamericanos sob uma perspectiva multiculturalista para pesquisar povos que não estavam dentro das áreas específicas. Gilberto participa muito destas discussões em Columbia, sentado à mesa com atores, atrizes, diretores de cinema, políticos, engenheiros, físicos, pessoas das mais diversas áreas de conhecimento e com referências nas suas áreas, que passavam a entrevistar e a discutir. Era uma base de conhecimento que precisava ser socializada. Estas ferramentas foram criadas por Tannenbaum, e Gilberto verifica o modelo, analisa isso e se interessa pelas formas como são criadas essas discussões. Vou imaginar um caso fictício para ilustrar isso: um físico fala de física nuclear e conversa com um teatrólogo, que não entende absolutamente nada, mas quer saber do assunto, dentro do universo dele. A discussão acontece a ponto de que todos possam compreender e partilhar bases de conhecimentos. Então, Gilberto achou que o modelo Tannenbaum muito grande e aplicou no Recife durante mais de 40 anos. Não era um seminário aberto à discussão pública, era uma ferramenta extremamente controlada. Gilberto ajustou o modelo e organizou o Seminário de Tropicologia. Havia palestrantes, debatedores e ele mediava o processo. Uns 12 seminaristas faziam suas palestras e, depois, faziam discussões cruzadas em relação ao tema, dentro da base de conhecimento de cada um. E isso gerou, depois de mais de 40 anos, um acervo riquíssimo de conteúdo sobre o Brasil.

Só teve um volume publicado, do seminário de 1967, não é?

Não, tem mais. Os Seminários de Tropicologia funcionaram por muito tempo na Fundação Joaquim Nabuco, e existem as revistas do seminário, que são acervos. Acho que o material foi editado praticamente até o falecimento de Gilberto. Mas em um círculo muito pequeno de consumo, porque a tiragem é curta. Mas é um material de belíssima coletânea de conhecimentos que marca períodos do Brasil muito interessantes. Há discussões fantásticas, por exemplo, mediadas por Gilberto Freyre, entre general do Exército e representante de Ligas Camponesas. Gilberto conseguia se posicionar no meio, coordenar e controlar de uma forma mágica. É um material incrível.

Como vocês trabalham com a polêmica da obra de Gilberto Freyre? Dentro da fundação, como vocês analisam isso dentro de uma perspectiva histórica?

Como eu já citei, a casa se mantém muito neutra em relação a isso, a gente não entra muito na polêmica, não. Na verdade, a polêmica faz parte da vida de Gilberto, que era um homem polêmico, ele escrevia o que achava que tinha que escrever. E se ele não está mais aqui para se defender, a fundação também não está aqui para defendê-lo. Desde que a Fundação Gilberto Freyre foi criada, não foi concebido nenhum tipo de manifestação a qualquer crítica, positiva ou negativa. O que a gente induz é que os pesquisadores tenham uma opinião em relação à obra de Gilberto Freyre, que se identifiquem e assinem as suas opiniões. Algumas pessoas tentaram fazer com que a fundação se pronunciasse em relação a cotas raciais nas universidades. Perguntaram qual seria a opinião de Gilberto Freyre. A fundação não tem esse posicionamento, talvez ele pudesse ter dado, mas a fundação não vai dar porque nenhum de nós pode assinar por ele.

Até porque ele era muito paradoxal, ninguém saberia para que lado ele iria.

Exatamente. A fundação se mantém neutra. Muitas vezes os pesquisadores chegam a conclusões sobre Gilberto que são diametralmente opostas e perguntam quem vai desempatar isso. “Não olhem para a gente”, digo. A casa não vai entrar nessa discussão.

Vocês acabam sendo gestores de um patrimônio intelectual no qual têm que operar sempre ativando um pensamento. Isso existe pouco no Brasil.

Pouquíssimo.

Existe alguma restrição que vocês fazem em relação ao uso da obra do Gilberto Freyre, algum limite?

Não. Até onde me lembro, nunca houve um pronunciamento no sentido de limitar nada. A obra deve ser interpretada de forma livre desde que você assinne embaixo. Outra coisa é que, muitas vezes, os direitos autorais são nossos, outras vezes são de terceiros. Temos, por exemplo, um acervo de correspondências e existe uma relação que é dupla, de quem manda a correspondência e de quem a recebe. Aquela correspondência contém uma série de informações que não dizem respeito necessariamente a Gilberto Freyre, mas ao terceiro que está sendo retratado. São mais de 15 mil correspondências e mais de 600 remetentes, que são importantíssimos para o Brasil. As nossas relações

são muito mais do ponto de vista do acervo em si do que da opinião que você terá a partir do acervo. A família de Gilberto Freyre cria uma perspectiva que é de gerenciar o patrimônio intelectual, mas muitas vezes o interesse do autor Gilberto Freyre passa por uma relação entre pai e filho, ou entre pai e filha, que é a Sonia Maria Freyre Pimentel – atual presidente e gestora da fundação. Eu sou um braço executivo, mas a Sônia é a presidente. Existe um conselho-executivo que diz como o patrimônio pode ser utilizado, mas essa relação entre pai e filha, às vezes, é preservada – porque existe uma proximidade afetiva maior do que com a terceira geração, a geração dos netos. Da minha parte, por exemplo, não há tanta afetividade, tanta tentativa de proteção ao Gilberto, quanto da parte dos filhos de Gilberto, como Fernando, que é o meu falecido pai, e Sonia. Nós temos correspondências de Gilberto para Madalena Freyre, correspondências de amor, que Fernando dizia que, enquanto vivo, não ia publicar. A Fundação Gilberto Freyre é certamente proprietária desse acervo do ponto de vista legal, mas respeitou a condição do filho.

Como é trabalhar com projetos ligados à memória, com o legado e a dimensão de um intelectual? Porque há uma ligação forte entre passado e presente, não é?

Trabalhar a obra é sempre trabalhar o homem. Não há como trabalhar a obra sem Gilberto Freyre estar dentro desse cenário, e talvez seja o grande problema de alguns críticos em relação à obra de Gilberto. Muitas vezes a crítica é feita à obra sem conhecer o homem ou sem conhecer a profundidade que levou o homem a escrever determinado texto ou livro. Gilberto viveu muito, teve muitos críticos. Muitas vezes o ciclo de críticas é feito sem você analisar as críticas anteriores; então, entra-se em uma certa repetição e isso é muito ruim para uma obra. A gente induz a uma nova interpretação, a uma nova leitura. *Casa Grande & Senzala* reflete a civilização brasileira, mas ele tem um valor do ponto de vista histórico ou sócio-antropológico. A gente quer que este valor seja transferido para hoje, mas, como ele foi publicado há 70 anos, pode ter alguma passagem que não represente necessariamente o cenário que a gente vive hoje, mas reflete aquele cenário que passou. Não é fazer com que as pessoas tenham essa miopia de pegar um livro na livraria, de lerem e de criarem uma interpretação simplesmente com aquela peça gráfica. A gente tem feito junto com a editora Global, que é responsável pela linha editorial da Fundação Gilberto Freyre, um trabalho de atualização, em que a gente coloca novos índices, mas também cadernos de imagens

que não necessariamente faziam parte do livro original, mas que tentam pontuar um momento histórico, que passam a gerar para aquele livro um determinado espaço de temporalidade.

Como foi o fim da vida de Gilberto Freyre e em que momento houve a manifestação de ter a obra preservada?

Quando ele faleceu, eu tinha quase 14 anos. Ele faleceu no dia 18 de julho, aniversário de Madalena, a esposa, e a Fundação Gilberto Freyre foi formalizada um pouco antes, em abril. Ele já tinha tido um AVC e não falava mais. Ele foi surpreendido pela família e pelos amigos quando a casa foi invadida por uma série de pessoas, com um tabelião, para assinar documentos. Ele não sabia o que estava acontecendo e essa surpresa foi muito positiva porque, de repente, ele viu a consolidação de um acervo. Dos 85 aos 87 anos de idade, quando faleceu, ele teve um ciclo de vida muito complicado do ponto de vista da saúde. Ciclos muito longos em hospitais, infecções urinárias, alguns problemas cardíacos, o corpo humano já dava sinais de que não ia durar muito. Ele estava muito preocupado, se sentia no final de vida, mas tinha a consciência de ter um acervo muito importante: “O que vai ser depois que eu me for?”. Ele externou isso e a família abriu mão de qualquer tipo de herança. Tudo vai virar Fundação Gilberto Freyre, tudo vira acervo da fundação. E o que é? A casa de meados do século 18, onde funciona hoje a Casa-Museu Magdalena Gilberto Freyre, da forma como ele viveu – nada foi alterado. Ele habitou ali de 1940 a 1987. Comprou a casa caindo aos pedaços, uma casa belíssima, estilo barroco português, cercado de verde. É um espaço de um hectare, resquício de Mata Atlântica. Além dos mais de 42 mil volumes, 15 mil correspondências, 10 mil fotografias, filmes em super-8, negativos das viagens dele à África.

Que recurso financeiro a casa gera?

Os direitos autorais das obras de Gilberto Freyre ainda são a grande fonte de recursos. Isso já representou mais, contudo temos conseguido diminuir por meio do aumento da base de captação de recursos. No início, representavam quase 80%. Hoje, representam algo entre 30% e 40%. Hoje, a casa entra em um circuito de captação de recursos que está relacionado a atividades que são gilbertianas, mas que não está relacionado a “intramuros” – ou seja, não é um gerenciamento sobre os próprios acervos –, mas a transferência da base de conhecimento que existe para estruturas fora da casa. Na gastro-nomia isso é muito claro. A gente começa a pontuar o alimento não apenas

como aquilo que é produzido para saciar uma necessidade, mas como uma ferramenta de conagração. Entender as origens daquele hábito de consumo, da produção daquele alimento, de como aquele prato foi forjado a partir de influências das mais diversas, de onde veio aquele tempero. A gente começa a trabalhar com imaginários. Existem algumas coisas do folclore pernambucano que a gente consegue trasladar a partir da obra de Gilberto Freyre para outras cidades brasileiras.

A questão do patrimônio material, de como você pode preservá-lo, mas que também interessa povoá-lo. Fale um pouco mais disso.

Eu nasci em uma casa que é tombada pelo patrimônio histórico federal, a Fundação Gilberto Freyre fica dentro de uma casa com quase 300 anos de vida. Sabemos o custo de estarmos localizados dentro de uma área de Mata Atlântica, a noroeste de Recife e com umidade elevada, e ter um acervo gigantesco. A gente usa parte dos recursos na gestão do patrimônio, não só nosso, mas de patrimônios de terceiros. O equilíbrio financeiro para fazer com que esta casa funcione é fundamental. A gente está usando parte dessa discussão para trabalharmos com as parcerias adequadas dentro das estruturas de patrimônio histórico dentro do estado de Pernambuco. Recife e Olinda são cidades das mais antigas do Brasil, com mais de 450 anos, e que têm estrutura de patrimônios históricos de períodos muito próximos a isso. Muitas vezes, os institutos estadual ou federal de patrimônio histórico injetam muito recurso para proteger ou restaurar este acervo, e não conseguem ver o ciclo econômico desse bem cultural tombado girar economicamente. A fundação entra e tenta identificar qual é a ferramenta que possa ser ajustada ali para que a visitação pública ou turística possa fazer com que, economicamente, tenha um ciclo econômico virtuoso, que diminua o impacto da ingestão de recurso público e privado para restaurar esse bem privado. Muitas vezes, esse circuito e o turismo são ferramentas para isso, que a gente coloca e tenta de certa forma abrir uma nova frente de turismo para Pernambuco por meio do patrimônio histórico constituído, do ponto de vista material. Isso por meio da diminuição do custo da restauração e do ponto de vista imaterial, atrelando a visitação do turismo a toda uma gama de serviços. Para que o turista que paga para ver coisa boa não tenha simplesmente sol e praia em uma cidade como Recife, que tem mais de 450 anos de idade.

E sobre gastronomia, esse patrimônio imaterial?

Gilberto escreve em 1936 um livro chamado *Açúcar*, que seria o primeiro tratado brasileiro do ponto de vista sócio-antropológico do doce no Brasil. É a primeira vez que alguém coloca o açúcar, os bolos, os sorvetes como elementos de análise do ponto de vista cultural. Saberes e sabores que se cruzam, que vêm dos oceanos todos e que no Brasil se inter-relacionam e se transformam em uma culinária absolutamente brasileira. São adaptadas a partir da ausência de ingredientes que tinham lá fora e que passaram a receber novos ingredientes aqui, novas formas de fazer. Esse patrimônio passa a ser muito característico nosso. No decorrer da nossa civilização, outros povos vão trazendo e vão chegando, geram novos pratos, novos produtos, que passam a ser elementos muito fortes de identidade. A gastronomia é uma das frentes que o turismo brasileiro coloca como ponto focal de investimento. Diferentemente de países europeus, salvo talvez os latinos que tenham características semelhantes do ponto de vista da gastronomia, o Brasil tem uma influência magistral da culinária indígena pura, misturada com outros ingredientes que vêm ou da Europa Ibérica ou das Índias, ou da própria microrregião de consumo, que passa a ter características atrativas ao paladar do estrangeiro que chega ao Brasil. Não estou falando só da feijoada ou da tapioca ou da canjica, mas de uma gama de produtos da nossa gastronomia que mexem com o paladar das pessoas. Gilberto cria um mapa da culinária brasileira – um grande sonho. A culinária é muito importante para as referências que a gente tem do ponto de vista do patrimônio imaterial.

Para fechar: o que é ser neto? O que é estar sempre tendo que olhar para trás e pensando para frente?

Ser neto e herdeiro de Gilberto talvez tenha a mesma dureza. Sempre cresci em uma perspectiva de não poder errar. Quando eu era aluno, tirei uma nota baixa em uma prova de matemática. Fui crucificado: “Logo você, neto do Gilberto Freyre”. Para mim, aquilo foi um peso muito grande. Eu não sabia quem era esse Gilberto Freyre que deveria ter tirado dez na prova, mas esta perspectiva me foi imposta. Estava na quarta série, devia ter dez anos e cheguei em casa e levei outro carão da minha mãe, que sempre foi muito rígida. Fiquei de castigo e comecei a ficar com raiva de Gilberto. Não sabia nem o que ele era, mas sabia que era para tirar dez naquela prova e eu tirei sei lá quanto. Todo sábado a gente almoçava na casa dele, éramos vizinhos. Uma vez cheguei mais cedo, bati na porta, ele estava na biblioteca escrevendo. Entrei e já fui com a prova: “Tirei quatro na prova e a professora disse que o senhor e eu tínhamos que tirar dez”. Ele pegou a prova, se aproximou e disse: “Você é